

RUGOSIDADES, PERIODIZAÇÃO E ACELERAÇÃO CONTEMPORÂNEA O TEMPO NA OBRA DE MILTON SANTOS

Samira Peduti Kahil ¹

Falar sobre a obra do Professor Milton Santos é assumir séria responsabilidade, dadas as interpretações que apresenta, a erudição que envolve, a pluralidade de aspectos que encerra.

Nestas circunstâncias tiro forças do aprendizado corajoso que me proporcionaram as muitas horas breves ao seu lado, para arriscar uma análise não só do importante tema proposto *Rugosidades, periodização e aceleração contemporânea: por uma geografia do tempo*, mas submeter-me a interpretar seu pensamento filosófico e político e a maneira pela qual eles se integram harmonicamente no conjunto de seus ensinamentos.

Sua obra “A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção” é uma escritura que exige de nós uma leitura paciente e concentrada, logo, ela mesma demanda tempo para que a gente possa apreciá-la. Temos que demorarmo-nos nele, em Milton, se buscamos superar as dificuldades de compreensão do mundo. Entretido por milhares de puras ligações – é na universalidade que ele pensa.

Daí, pois, como já se disse das grandes obras, “exigir a primeira leitura, paciência, paciência fundada em certeza de que, na segunda leitura, muita coisa, ou tudo, se entenderá sob luz inteiramente outra” (SCHOPENHAUER, apud ROSA, 2002, p. 5).

Seus escritos são uma grande lição de humanismo nos conduzindo à afabilidade, à amizade, à sociabilidade. Assim é *A Natureza do Espaço* - um livro que é como uma carta, uma longa carta escrita por Milton para seus amigos, uma amizade realizada à distância por meio da escrita e que requisita o mundo letrado.

Nesse sentido esta obra que ora nos submetemos a pensar e discutir desafia o pensamento, desafia o nosso pensar ético e humanista, exatamente porque sua narrativa encontra-se indissolivelmente ligada à educação e, sendo uma pedagogia da existência, tem o dom de criar em nós a necessidade de reflexão e compreensão.

Este tempo lento que exige de nós a leitura da obra de Milton é uma das suas contrapartidas ao mundo da velocidade, da aceleração desenfreada das narrativas midiáticas, que no período atual, rompendo mesmo o pacto com a palavra, produzem um conjunto fenomenal de imagens e impactos emocionais de acontecimentos, tão intensos quanto breves, levando a opinião pública a oscilar entre a indignação e a compaixão, nunca à compreensão (MATTOS, 2004; 2006).

A escritura mesmo d’A Natureza do Espaço é obra em que Milton elabora cuidadosamente uma narrativa com ritmo envolvente, em que na busca da natureza de seu objeto de estudo vai construindo um método, árdua e sofisticadamente

¹ Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia, IGCE, UNESP, Campus Rio Claro.

Palestra realizada na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 20/09/2006, por ocasião do Seminário “Dez anos do livro *A Natureza do Espaço: Legado e Desafios para a Prática e a Teoria Geográfica*”, organizado pelo Laboplan-USP.

Estudos Geográficos, Rio Claro, 10(2): 4-9, jul./dez. 2012 (ISSN 1678—698X)
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo>

enriquecido por eixos ou conglomerados de temas em movimento no tempo. Ritmos do tempo, movimento, palavras: suas obras são escrituras das mais nítidas, das mais humanamente brasileiras das ciências contemporâneas. Eis a natureza da sua razão!

A conspiração de silêncio tramada contra sua obra na geografia brasileira é conseqüência da sua oposição a uma ciência fácil, mimética, que se curva às máximas que lhes são vantajosas, obedientes a uma lógica dominada pela competição, maximização das oportunidades ou acumulação de credibilidade científica (KAHIL, 2003; 2005).

É exatamente essa praxe inconveniente de pensadores sem convicção teórica, que são logo trocadas ou periodicamente decapitadas, que não tem permitido constituir-se no país, em linhas evolutivas mais ou menos contínuas, um pensamento crítico que garanta à nossa ciência inserção e duração histórica próprias.

Nesse sentido, nunca temendo a teoria, Milton em *A Natureza do Espaço* foi conclusivo e soube retomar criticamente, e em larga escala, o trabalho dos seus predecessores e com independência tornou possível à experiência geográfica brasileira finalmente formar-se, realçando exatamente a necessária dimensão coletiva da produção científica.

Entre o que há de melhor na moderna prosa de ensaio de interpretação do Brasil, podemos reconhecer na obra de Milton o ar de família que reúne as nossas diversas “formações”, e não tenho dúvida quanto ao lugar que lhe cabe na estante ao lado das obras clássicas de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Antonio Cândido, Darci Ribeiro, Celso Furtado.

Através de rico instrumento de interpretação, um jeito muito especial de prosa modernista, Milton em *A Natureza do Espaço* desenvolve e engloba, em termos próprios, o nexos formativo de particularidade local e alcance geral, tudo exposto articuladamente também como uma síntese de tendências universalistas e particularistas.

Eis a natureza de Milton! Sem qualquer temor conduz a análise e deixa-se conduzir por ela instituindo a possível liberdade de tudo solicitar, desde o mais minucioso evento ao mais universal pensamento (KAHIL, 2003)

Não conhece por nada desse mundo essa oposição tão grosseira e tão mal definida entre espaço e tempo. Através de uma revisão rigorosa dos estudos fundadores da filosofia das técnicas e reconstituindo crítica e criativamente o tema da relação entre técnica e espaço na evolução do pensamento geográfico, Milton vai dando apuro ao método, nos conduzindo a superar as velhas concepções cheias de equívocos dualistas entre espaço e tempo, para criar a partir da forte consideração das técnicas como fenômeno histórico, um conceito de espaço geográfico, passível de periodização.

Exorcizando toda tentação dualista, a proposta miltoniana supera a distância entre espaço tempo já que os define a partir dos mesmos elementos e adotando os mesmos parâmetros. Considerando assim, espaço e tempo como uma realidade unitária, Milton nos dá uma das maiores contribuições ao progresso epistemológico no interior da disciplina geográfica.

Com preocupação epistemológica totalizadora, “tempo e espaço são realidades históricas – são a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se e essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições”

(SANTOS, 1996). E Milton vaticina ser “por intermédio das técnicas que o homem, no trabalho, realiza essa união entre tempo e espaço e, portanto é por intermédio das técnicas que podemos trabalhar o espaço geográfico como tempo empírico” (Ibidem).

Definido o tempo pelas coisas, pelo modo como fazemos, pelas possibilidades de fazer que nos são abertas, o tempo deixa de ser tratado de forma abstrata e somente assim o empirizamos através da ação no mundo, e a ação envolve sempre uma extensão.

A geografia de Milton é assim uma filosofia científica, fenomenológica e existencialista partindo das possibilidades do mundo e de sua realização empírica no lugar, e que é também uma filosofia das técnicas baseada sobre a produção concreta do mundo e dos lugares.

Então a partir das coisas, dos objetos, da configuração geográfica, sua fenomenologia permite passar do universal ao particular, sem correr o risco de uma interpretação empiricista, mas com o apoio da História, ir além das coisas, do objeto, da materialidade do espaço. Um método que ousando ser também uma geografia existencialista inclui o ser e o existir, o movimento do mundo como um todo e a sociedade como um todo, compreendendo a produção da particularidade como realização da existência.

Preciso, o trabalho do pensamento de Milton faz-nos conhecer essa lenta transformação da noção de espaço geográfico – considerando tempo, espaço e mundo como realidades históricas, mutuamente conversíveis.

Entendendo por sistemas técnicos o conjunto das técnicas que a cada momento vem constituir a base material da vida das sociedades e representativos da forma como em cada época uma sociedade compartilha o espaço, os sistemas técnicos sucessivos permitem-nos o entendimento das diversas formas históricas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios (KAHIL, 1997; 2003).

A evolução dos sistemas técnicos se processa na sucessão, nas consecuições e sobreposições de conjuntos (KAHIL, 2003). Estes conjuntos técnicos dão ao espaço a força de testemunho das realizações históricas, a um só tempo, passado, presente e futuro (Ibidem).

Inspirado nas exigências éticas do humanismo concreto muito estritamente ligadas ao senso de solidariedade e responsabilidade, a teoria crítica miltoniana nos conduz pensar o futuro ancorado no presente e, portanto, sem ignorar os determinantes das ações emanados das configurações territoriais. Eis a natureza das rugosidades!

Para além de todo essencialismo que dogmaticamente não reconhece a mediação das ações presentes na interpretação das formas espaciais, e para além de um materialismo desconectado da essência temporal dos objetos, a teoria crítica miltoniana, muito inspirada repito, nas exigências éticas do humanismo, permite uma análise também prospectiva.

Uma análise que implica uma responsabilidade com o futuro ainda mais porque, a despeito das idéias pós-modernas que nos fazem crer que dada a velocidade e a aceleração das transformações o presente é instantâneo e fugaz, hoje nos diz Milton, o presente alargado – não o presente instantâneo – é relativamente curto, mas rico pelo número e qualidade das interações possíveis.

E aqui reside a novidade do período atual: a acumulação ampliada pela densidade – um número multiplicado de eventos que se faz mais denso por unidade

de tempo e por unidade de espaço (SANTOS, 1995). Eis a natureza da aceleração contemporânea!

São a partir das noções de evento e interações possíveis, que Milton desenvolve a categoria 'território usado'. Tudo concorrendo para que a geografia supere a dualidade tempo espaço.

Operando uma fantástica genealogia das noções de evento, em sua construção de uma teoria geográfica, Milton termina por assimilar à idéia de evento à idéia de ação. Assim, propõe uma geografia renovada sob a forte consideração do movimento da sociedade que hoje, mais que nunca, comanda, através do uso diversificado do trabalho e da informação, os dados da natureza histórica.

Sendo o espaço geográfico um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, os eventos, são eventos de natureza social e também não se dão isoladamente, mas em conjunto, conjuntos sistêmicos (SANTOS, 1996). Verdadeiras situações geográficas que se criam e recriam porque sua ocorrência envolve sempre organização, desde a sua instalação, seu funcionamento e controle.

Contribuição inestimável para resolver questões de método, a noção de evento que Milton nos instiga pensar, permite unir o mundo ao lugar, a História que se faz à História já feita, o futuro e o passado que aparece como presente. "Até a bem pouco tempo, o presente era marcado mais fortemente pela influência do mundo passado, enquanto agora a influência mais forte é aquela do mundo contemporâneo" (SANTOS, 1995). Então, vaticina Milton, "não é mais o passado que nos guia, mas o futuro imediato – interações possíveis – projeto. A memória pode ainda ser um cimento da sociedade e as rugosidades o cimento do território, mas sua ancora é o futuro" (Ibidem).

E o futuro é hoje discernível através das relações profundas, interações possíveis, desinteressadas, entre os homens juntos, que descobrem que a solidariedade inclui o acontecer e a descoberta (SANTOS, 1995; 1996). Tudo solicitando da nossa imaginação geográfica, Milton mantém vivo seu encantamento nos desafiando a trabalhar o lugar, a região ou as situações geográficas como sinônimos, nos instigando com criatividade a trabalharmos entre outras, a noção de "acontecer solidário".

E aqui também temos que nos debruçar sobre ele se queremos trabalhar o território como categoria dinâmica – num esforço para pensar o território como um todo, território da nação, território em mudança, território em processo, território usado, território como forma-conteúdo.

Uma forma que, por ter conteúdo, realiza a sociedade de uma maneira particularizada, particularidade que se deve exatamente à forma, sobre a qual a sociedade deposita fração do seu dinamismo e que se torna dinâmica por isso. Um dinamismo que não é explicado pela sociedade sozinha, a sociedade em si, mas pelo fato de ela, naquele momento, em um determinado período, se realizar interagindo solidariamente com o lugar.

O mundo é constituído pela totalidade de eventos e não só de coisas. O mundo não é só um mundo de coisas em movimento, mas também um mundo de acontecimentos e sua trama. Para Milton o evento é fruto do mundo e do lugar ao mesmo tempo. O mundo é, portanto, um caleidoscópio de situações, um mosaico de subespaços. Estes, os lugares somente são inteligíveis através do mundo, do acontecer solidário dos eventos e sua trama.

São os eventos que operam essa ligação entre os lugares e uma história em movimento. O lugar, a região, define-se como funcionalização do mundo e é por eles que o mundo é percebido empiricamente (KAHIL, 1997; SANTOS, 1996).

Fibra intelectual fundada num pluralismo e dissenso esclarecedor, Milton ousa sentenciar que “o mundo não existe”. “É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado” (SANTOS, 1996, p. 258). É no lugar que encontramos as propensões e possibilidades de realização do mundo. “Os lugares são, pois, o mundo.” O lugar é um conjunto estruturado de objetos e ações internamente relacionados de tal modo que em sua plenitude potencializam a totalidade-mundo (Ibidem).

Em nosso autor, a preocupação em estudar o lugar, o lugar das atividades da maior parte da população, dotadas de um dinamismo próprio, autêntico, fundado na sua própria existência, um lugar que não pode ser entendido sem que primeiro compreendamos o mundo, sua preocupação é exatamente buscar surpreender, no lugar, as transformações que poderão atribuir um novo sentido, um sentido mais veraz e enriquecedor para a existência plena de cada pessoa, para que seja possível a construção de uma nação plena de cidadãos fortes! (KAHIL, 2003)

Imbuído desse sentimento humano que se chama paixão histórica, Milton nos oferece uma teoria do espaço geográfico de tal natureza que permite, àqueles cientistas com coragem radical e rigorosa e que não se rendem às análises fáceis, abriremos a perspectiva de atingirmos a essência do mundo, sem que às idéias gerais faltem a solidez dos casos particulares (Ibidem).

A preocupação fundamental e todo seu empenho como pensador se concentra na elaboração de uma reflexão metageográfica que esteja à altura dos problemas que a humanidade levanta hoje (Ibidem). Sua obra é testemunho forte da situação paradoxal em que se nos encontramos hoje no mundo: de um lado, um mundo de fabulações que se impõe aos espíritos para consagrar um discurso único, fundado no império da informação, no culto à velocidade e alicerçado na produção de imagens a serviço do império do dinheiro; de outro lado, um mundo perverso onde se generalizam, em todos os continentes a pobreza, o desemprego, o desabrigo e a fome (SANTOS, 2001; KAHIL, 2003)

Exímio observador do ritmo da vida e por isso sua aguda inteligência crítica e criativa, Milton vai, em toda sua obra, criando uma geografia, uma filosofia, uma arte de viver o mundo. Em seus escritos circulam uma invisível corrente rítmica que traduz o fascínio de seu pensamento pela liberdade, que transforma inspiração em juízo, as razões em correspondências, os silogismos em analogias, a crítica em criação, a ciência em arte (KAHIL, 2003).

Em meio à profusão de pequenos pensadores que se limitam a repetir, aparece rara vez por século, um gênio que faz avançar o pensamento, produz novos conhecimentos e prova de certo modo as possibilidades, também hoje presente, “que podem assegurar uma mutação filosófica do homem, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e do planeta”, logo, do homem (SANTOS, 2001, p. 174).

Sua teoria amedronta exatamente por abrir as possibilidades de escolha ao homem. Quem o lê sente-se imediatamente livre (KAHIL, 2003).

Talvez... um dia... o mundo seja miltoniano... “um mundo veraz, que nos permita construir utopias”. Mas, no fundo, em sua utopia não há somente sonho, há também um protesto. Talvez um dia possamos aceitar com ele que o mundo pode ser diferente, “um mundo mais humano” (Ibidem).

O que Milton quer (e imagino que todos queiramos) é consolidar nesse velho e imoralíssimo Brasil dos nossos dias, um pensamento nacional genuíno e liberto, capaz de incorporar-se ao movimento universal das idéias (ibidem). Neste Encontro, temos hoje a oportunidade de cumprirmos um seu desejo, o de que sua obra seja discutida, retocada, recriada e se efetive como contribuição para o despertar de um pensamento que seja uma arte, uma arte da existência.

REFERÊNCIAS

KAHIL, Samira Peduti. Um Mundo de Existência criativa: Milton Santos, esse Habitante! In: SOUZA, M. A. Ap. (Org.) **Território Brasileiro**: usos e abusos. Campinas, Territorial, 2003. p. 597-610.

_____. Usos do Território: uma questão política. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. São Paulo 20 a 26 de março de 2005. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo; USP, 2005, p. 7193-7204.

_____. **Unidade e Diversidade do Mundo Contemporâneo**. Holambra: a existência do Mundo no Lugar. Tese. Doutorado em Geografia Humana - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1997.

MATTOS, Olgária. “Modernidade e Mídia: O Crepúsculo da Ética”. In: SANTOS, D. (org.) **Ética e Cultura**. São Paulo: Perspectiva; Sesc – debates/ n. 299, 2004.

_____. **Discretas esperanças**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**. (Terceiras Estórias). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo; Hucitec, 1996.

_____. Postface: les nouveaux mondes de la géographie. In: Bailly, A.; Ferras, R.; Pumain, D. **Encyclopédie de Géographie**. 2 ed. Paris: Ed. Economica, 1995. p. 1075-1083.

_____. **Por uma outra Globalização**: Do Pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, Record, 2001.